

Queimadas na Amazônia: uma análise de enquadramento das notícias de setembro de 2024 no jornal O Globo e no Mídia Ninja¹

Lavínia Gallardo Pires Feregueti²

Priscila Sales Borges³

Rubi Conde Ferreira⁴

Tales Livramento Anjos⁵

Yasmin Gatto⁶

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo: Este artigo discute a relação entre meio ambiente, jornalismo e agronegócio, visando destacar como meios de comunicação hegemônicos contribuem para a narrativa de intensa valorização do setor agroexportador e a invisibilização de seus impactos socioambientais. Para tanto, analisa-se a cobertura jornalística sobre as queimadas que ocorreram na Amazônia em setembro de 2024, mês com maior foco de incidentes. A análise investiga as narrativas jornalísticas no jornal O Globo e no Mídia Ninja e é por meio da análise de enquadramento que se observa como a cobertura fragmentada e a desinformação ambiental dificultam a compreensão pública sobre o desmatamento e as queimadas na Amazônia.

Palavra-chave: Agronegócio; Meio ambiente; Queimadas; Amazônia; Análise de enquadramento.

Introdução

O presente artigo investiga quais foram as abordagens utilizadas pelo Jornal O Globo e pelo Mídia Ninja sobre um mesmo tema: as queimadas na Amazônia em setembro de 2024. A escolha desses dois objetos se deu porque entendemos que eles ocupam diferentes lugares dentro do ecossistema midiático, um deles ocupa espaço na mídia tradicional e o outro no cenário alternativo. O recorte temporal se deu neste mês por ser o período com mais focos de incêndio. Somente em setembro, as áreas queimadas foram o triplo do ano de 2023. A escolha desses objetos se deu porque “O Globo”, é considerado o maior conglomerado de mídia do Brasil (SET, 2025), e o “Mídia Ninja” porque tem grande repercussão pelo país, sendo uma das primeiras

¹Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Jornalismo da UFES, e-mail: llaviniaferegueti@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Jornalismo da UFES, e-mail: priscilaborges.ps@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Jornalismo da UFES, e-mail: rubiconde12@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Jornalismo da UFES, e-mail: talesl.anjos@gmail.com

⁶ Doutora em Comunicação. Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da UFES, e-mail: yasmin.cardoso@ufes.br

iniciativas alternativas criadas. Encontramos 22 notícias no “O Globo” e 15 notícias no “Mídia Ninja” sobre o tema. Para este artigo selecionamos duas notícias de cada veículo para fazer análise dos quadros, buscando analisar os aspectos selecionados, os enfatizados e os que foram excluídos.

Meio ambiente, mídia e agronegócio

No final dos anos 1990 o agronegócio começou a ganhar força no cenário nacional. Na mídia o prefixo “Agro”, começou a se consolidar como estratégia de valorização do setor agrícola - “O Agro é Tech, o Agro é Pop, o Agro é tudo”, lançado em 2016, a campanha da Rede Globo reflete a tentativa de ascensão do agronegócio brasileiro. Dessa forma, os instrumentos de comunicação exercem papel central na difusão das informações mais diversas, com papel importante para a sustentação do modo de produção capitalista, responsáveis pelo auxílio à reprodução do capital para a realização de valor das mercadorias (Dos Santos et al., 2019). A influência exercida pela grande mídia na valorização do agronegócio é perceptível nas publicidades que tem origem no financiamento pelo próprio agronegócio, isso é notável, uma vez que aparecem, principalmente, produtos voltados à exportação. O que gera tamanho desconforto, já que o que os produtos gerados para exportação, são 80% do que é produzido pelo agronegócio. Em contrapartida, 70% do que é consumido pelo brasileiro é produzido pela agricultura familiar, informação negligenciada tanto pelos veículos de comunicação, quanto pelas políticas públicas (Cronemberger; Machado, 2023).

Simultâneo a isso, avançam os impactos ambientais causados por esse sistema, a mineração destrói intensivamente a floresta, o solo e o subsolo. Hoje o Brasil é o país que mais utiliza agrotóxicos no mundo, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO-ONU). O agronegócio é responsável por 74% das emissões de Gases do Efeito Estufa (GEE) do país, segundo o Observatório do Clima. A Amazônia, considerada o “pulmão” do mundo por contribuir com a redução desses gases estufas. Entretanto, com a exploração constante e o desmatamento a floresta não consegue garantir significativamente o seu papel. (Lovisi, 2024). A Amazônia queima devido a fatores naturais e isso sempre ocorreu de forma branda. Todavia, o fogo é usado como ferramenta no processo produtivo do desmatamento, ou para a limpeza de pastagens de forma ilegal. A pecuária é o setor que

mais desmata a floresta, ocupando cerca de 90% das áreas desmatadas até 2023 (Villar, 2024). Entretanto, o “Agro não para”.

A importância das pautas ambientais

A preservação ambiental é fundamental para garantir a sobrevivência das espécies amazônicas, principalmente, na manutenção de recursos hídricos e na promoção de práticas sustentáveis, além de preservar e proteger as culturas e modos de vida de comunidades tradicionais e os seus diversos e variados conhecimentos. (Mendes, s/d). Existem várias iniciativas e estratégias para promover a conservação e a sustentabilidade da região, entre elas a criação e gestão de áreas protegidas - a atividade humana é regulamentada e controlada para a minimização de impactos - valorização da cultura e dos conhecimentos tradicionais e educação ambiental e conscientização da população. Há também a implementação de programas sociais de pagamento por serviços ambientais, a mobilização internacional, a exemplo, o Fundo Amazônia, gerido pelo BNDES, tem por finalidade captar doações para investimentos não reembolsáveis em ações de prevenção. Além de contribuir para redução das emissões de gases do efeito estufa (Fundo Amazônia, 2008). É importante destacar que ao financiar projetos que ajudam a reduzir o desmatamento e promover práticas de uso da terra de forma sustentável, contribui para a conservação da Amazônia e o combate às mudanças climáticas.

Desinformação e a Pauta Ambiental

A questão ambiental no Brasil é atravessada por conflitos e disputas de interesses entre diferentes grupos como indígenas, garimpeiros, grandes mineradoras e extrativistas, pequenos agricultores, quilombolas, comunidades tradicionais e o agronegócio, entre outros. O modelo hegemônico de exploração voltado ao desenvolvimento econômico privilegia os grandes latifundiários e as atividades extrativistas, deixando desprotegidos os grupos mais impactados por essas atividades (Almeida Fachin et al., 2024, p. 622). Concomitantemente a todos esses indícios de mudanças climáticas, em 2019 ocorreu um considerável aumento do desmatamento na Amazônia, situação agravada em 2020. O papel desempenhado pela desinformação no processo de formulação de políticas ambientais vem se mostrando demasiadamente

preocupante, visto que tais políticas têm implicações diretas na sustentabilidade, conservação e distribuição dos recursos naturais, bem como na justiça social e no direito à terra (Leff, 2021). A disseminação de informações falsas vem gerando a percepção equivocada, por parte da sociedade civil, dos problemas ambientais e fundiários, na medida em que distorcem a compreensão da população sobre os reais desafios apresentados e suas possíveis soluções (Carvalho; Gitahy, s/d, p.1).

Essas narrativas são comumente compostas por informações curiosas, apelativas, sensacionalistas ou com grande potencial para leitura e compartilhamento. Um dos fatores que mais contribuem para o espalhamento das chamadas fake news é a falta de atenção por parte do público que, ávido repassar conteúdo, não se preocupam em pesquisar sobre o fato para confirmar as informações (Rocha, 2020, p. 2). O governo de Jair Bolsonaro desempenhou um papel central na disseminação dessa desinformação por meio das redes sociais, especialmente no período pandêmico, mas é fundamental que a população e a sociedade organizada encontrem maneiras de se proteger (Silva, s/d, p. 56). A degradação ambiental gerada por essas atividades impacta diretamente no modo de vida das populações e coloca em risco a sobrevivência de várias espécies. Os povos e comunidades buscam resistir aos ataques incessantes que têm como pano de fundo a apropriação de terras preservadas para a conversão em grandes monoculturas (Almeida Fachin et al., 2024, p. 622).

Metodologia: Análise de enquadramento

Para realização do artigo, escolhemos o enquadramento como método de análise das abordagens midiáticas. De acordo com Soares (2009), os enquadramentos de mídia são padrões que descrevem e organizam as percepções de mundo, logo estão atrelados a cognição, interpretação e apresentação e podem ser atribuídas ao que é selecionado, o que é dado ênfase ou excluído ao relato realizado, bem com suas análises. Este trabalho envolveu um longo questionário com perguntas que avaliavam as matérias nas categorias de precisão, independência, pluralidade, contextualização, sensibilização, conexões falsas e o uso enganoso de informações, características básicas para um jornalismo ambiental de qualidade. Trata-se de uma idéia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, podendo envolver o uso de expressões, estereótipos, sintagmas e etc. Para o autor, o

enquadramento coloca em evidência vieses que estão implícitos na produção jornalística, evidenciando a comparação com outros textos e como as notícias se enquadram.

Destaca-se que, segundo Entman (1991), ao fornecerem, repetirem e, portanto, reforçarem palavras e imagens que referenciam algumas idéias, mas não outras, os enquadramentos tornam algumas idéias mais salientes no texto, outras menos e outras inteiramente invisíveis. Há ainda percepções de que determinados assuntos podem ser apurados pelas mídias jornalísticas segundo formatos específicos de cobertura (Porto, 2004; Iyengar, 1990 e 1991; Entman, 1993). E isso torna o enquadramento, um objeto de análise não estático.

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes num texto comunicativo, de modo a promover uma definição de problema particular, uma interpretação causal, avaliação moral e ou recomendação de tratamento (ENTMAN, 1993).

Um dos tipos de enquadramento salientados por Rothberg (2007) são os enquadramentos temáticos que envolvem pluralismo e equilíbrio, como um meio de superar a fragmentação e superficialidade promovida por outros tipos de enquadramentos. Ou seja, por Rothberg (2007) deve-se haver uma sensibilidade no tratamento das causas e consequências, bem como da diversidade de variáveis de um tema complexo e relevante. Um ponto crucial a ser ressaltado, no caso da análise de enquadramento de questões ambientais como as queimadas na Amazônia, denota-se uma problemática inicial de entender quando um problema ambiental vira pauta. Holanda (2020) observou que uma crítica comum do jornalismo ambiental e a cobertura de mídia concentrada apenas em crises e catástrofes, oferecendo ao público uma perspectiva episódica e não uma análise dos conjuntos relacionados que se entrelaçam para gerar as questões ambientais. Levando isto em consideração, as notícias ambientais parecem apenas como um registro do ocorrido, não como um tema recorrente de interesse público. Já delimita uma falha da agenda pública em detrimento de uma agenda midiática. Trazendo a percepção do público para este tema como casos isolados.

Pontos de desinformação ou distorção das notícias

Hirst e Valente (2021) defendem que quando o jornalismo nega a existência das categorias marxistas de classe, pressupostos como alienação, exploração e fetichismo,

produzimos notícias sobre um mundo que não existe, portanto, criamos uma notícia “falsa”. Já Holanda (2020) entende que os jornalistas ao fornecerem uma abordagem fragmentada dos fatos não contribuem para uma compreensão do público sobre as interconexões ecossistêmicas necessárias para entender a questão ambiental de uma forma integral. Como objeto de análise foi realizado uma linha do tempo das matérias dentro do mês de setembro, período de maior incidência de queimadas na floresta amazônica. E nesse contexto destacamos duas problemáticas: a primeira a omissão e o uso enganoso de informações como desenvolvido por Ireton e Posette (2018) ocasionando fatos “falsos”. A outra é a postura dos veículos frente a desinformação, a passividade e a criticidade são abordagens realizadas que delimitam a atuação dessas instituições dentro das zonas hegemônica ou contra-hegemônica, visto que como colocado por Hirst e Valente (2021) dentro do sistema capitalista a mídia hegemônica trabalha para a classe dominante, portanto, a produção de notícias das mídias hegemônicas tende a enquadrar as notícias conforme a ideologia dominante, criando assim notícias hegemonicamente falsas. A questão ambiental integra este espectro conforme elucidado por Holanda (2020) a economia liberal tende a aumentar a destruição ambiental e além de ser tratada de forma episódica é possível observar uma abordagem fragmentada dos fatos levando assim a distorção das notícias pelos agentes hegemônicos.

Iniciamos a análise com a matéria do veículo da imprensa tradicional O Globo, “Fumaça de queimadas da Amazônia encobre São Paulo em dia seco” do dia três de setembro de 2024. Tem seu enfoque não no evento de queimada da floresta, mas sim em uma de suas consequências que é a trajetória da fumaça para o centro do país. Quando buscamos a causa das queimadas, a matéria está limitada em dizer apenas que “Isso é o que acontece todos os anos na Amazônia, dentro de uma certa variação”, tratando o evento incendiário como algo de origem natural. Da ênfase na trajetória da fumaça com seus possíveis efeitos para a população, porém em completa omissão das possíveis soluções tanto por parte das pessoas afetadas pela fumaça quanto para a origem dos incêndios.

Em contrapartida, temos o veículo alternativo Mídia Ninja com a matéria, “Enquanto o fogo avança, o agronegócio segue impune: quem paga a conta?” do dia 13 de setembro de 2024. O enfoque da matéria é justamente uma das principais causas do

desmatamento na Amazônia, e em consequência as queimadas, que é a questão do agronegócio. Da ênfase no papel do agro é na utilização das queimadas como ferramenta “Grandes latifundiários e empresários ligados ao setor utilizam o fogo como ferramenta para abrir novas áreas para plantio e pastagem, especialmente em regiões de floresta e cerrado. A prática, embora ilegal, é recorrente e conhecida pelas autoridades.” E na impunidade de suas ações no cenário político, econômico brasileiro “A lentidão dos processos judiciais e a falta de prioridade na punição aos crimes ambientais fazem com que a impunidade prevaleça. Latifundiários que financiam a destruição ambiental frequentemente recorrem ao poder econômico e a conexões políticas para proteger seus interesses.” e ainda escolhe apontar um caminho para mudança desse cenário, selecionando os projetos que estão sendo retomados pelo governo e a sugestão de práticas sustentáveis pelo agronegócio como as agroflorestas.

Seguimos para o dia 19 de setembro de 2024, o Mídia Ninja veicula a matéria “Fogo na Amazônia se concentra em locais onde o agronegócio avança” que mantém sua narrativa crítica responsabilizando os causadores da queima. Nesta matéria temos uma entrevista realizada por Lucas Pordeus León, da Agência Brasil, ao professor de economia Gilberto de Souza Marques, da Universidade Federal do Pará (UFPA). No qual questiona o modelo econômico imposto a região amazônica e como isto afeta os povos indígenas e comunidades tradicionais “O grileiro se apropria de uma terra pública, de uma área de preservação ou de território indígena, e derruba a floresta de imediato.” mostra o fogo como uma etapa da exploração econômica das terras,

Além disso, 80% das propriedades da floresta são reservas legais que não podem ser desmatadas. O proprietário então toca fogo na floresta e diz que aquilo foi um incêndio não produzido por ele. Como deixou de ser floresta, ele vai utilizar a área para o aumento do pasto, para o plantio de soja ou outra atividade do agronegócio (MÍDIA NINJA, 2024)

E completa em relatar que é no povo e comunidades amazônicas que neles reside a solução para combater o modelo de exploração vigente. “Temos que ajudar a disseminar essas experiências de integração sociedade-natureza em oposição à monocultura na Amazônia. A gente tem que olhar a Amazônia com esperança, porque ela ainda é a maior concentração de matéria viva do planeta.”

E por fim no dia 22 de setembro de 2024 O Globo traz a matéria “Amazônia: secretário do Ministério do Meio Ambiente crê em 'conotação política' em alguns

incêndios” tem seu enfoque na entrevista com o secretário de Controle ao Desmatamento e Ordenamento Ambiental Territorial, do Ministério do Meio Ambiente, André Lima ao programa "Natureza Viva", da Rádio Nacional sobre as queimadas na amazônia. É selecionado a fala “Tem, inclusive, incêndio que a gente imagina que possa ter conotação política” assim como o título que dá a entender que as origens das queimadas como forma política é apenas uma suposição. Destaca as falas “André Lima ressaltou ainda que ‘metade do problema é incêndio criminoso’, e que a outra parte seria de ‘gente que está usando o fogo porque precisa queimar uma roça’ ou que ‘está queimando lixo na beira da estrada’.” sem complementar com a parte da conotação política que está imbricado a ação dos grandes fazendeiros que expropriam essas diversas áreas que deveriam ser de preservação ambiental sobre a proteção do Estado.

Nesta análise percebemos como um evento e a disposição dos fatos dados podem ser utilizados de diversas maneiras, seja para dar um direcionamento mais limitado e passivo ou mais crítico e emancipador, necessário para informar questões de cunho ambiental.

Considerações Finais

O objetivo geral da pesquisa foi desenvolver uma análise das diferentes abordagens sobre as queimadas no bioma amazônico, pela mídia tradicional, O Globo, e pela mídia alternativa, Mídia Ninja. Nesse sentido, foi realizada uma seleção das matérias, que foram examinadas com base na Teoria do Enquadramento, utilizada aqui como metodologia. A partir disso, as reportagens foram selecionadas e fundamentadas considerando seu grau de detalhamento, critérios que avaliaram diversas categorias de jornalismo ambiental. Ao investigar esse conjunto de aspectos, foi possível perceber como os veículos midiáticos adotam posturas editoriais distintas diante de um mesmo fenômeno, e de que maneira essas decisões impactam diretamente a percepção pública sobre as questões ambientais.

Verificou-se que o jornal O Globo, embora apresente os fatos relacionados às queimadas, tenta amenizar a gravidade em detrimento de interesses econômicos privados, sobretudo o setor do agronegócio. Essa suavidade noticiosa despolitiza uma problemática estrutural, e trata como algo "pontual" podendo contribuir para a perpetuação de práticas predatórias e a falta de responsabilização. Em contrapartida, o

portal Mídia Ninja adota uma abordagem mais crítica e combativa, apontando com mais clareza os responsáveis e evidenciando os conflitos de interesses que atravessam o território amazônico.

Essa diferença editorial aponta para um aspecto fundamental: a forma como os veículos enquadram os acontecimentos pode ser decisiva para a maneira como a sociedade compreende e reage a eles. O Globo falha em não fornecer os enredamentos necessários para que a pauta ambiental seja plenamente compreendida, evidenciando um distanciamento entre a informação e o interesse público. Desta forma, a valorização de narrativas plurais, o combate à desinformação e o fortalecimento de veículos comprometidos com o interesse público se tornam passos fundamentais para garantir o acesso à informação ambiental de qualidade. Fica evidente, portanto, que uma boa apuração, seja no meio tradicional ou alternativo, é elemento essencial para a construção de uma sociedade mais consciente e crítica.

Referências

ALMEIDA FACHIN, J. M.; LUIZ, T. C.; CAMPOS, M. O. de; SATO, M. **O discurso desinformativo sobre a floresta amazônica: um olhar a partir do site Fakebook.eco.** 2024. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/97099>> . Acesso em: 11 jun. 2025.

CARVALHO, Juliano Costa; GITAHY, Leda Maria Caira. **Desinformação e os PLs 3729 e 510: o desmonte da política ambiental e fundiária.** 2023. Disponível em: <2023P22132A38907O4042.pdf> . Acesso em: 11 jun. 2025.

CRONEMBERGER, Roberta; MACHADO, Alisson. **Como o agronegócio foi formado no Brasil. Sustentarea.** Disponível em: <<https://www.fsp.usp.br/sustentarea/2023/08/09/como-o-agronegocio-foi-formado-no-brasil/>> . Acesso em: 12 mar. 2025.

DOS SANTOS, A. D. G.; SILVA, D. V. da; MACIEL, K. N. **A campanha publicitária “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, da Rede Globo de Televisão, como difusora da propaganda sobre o agronegócio no Brasil.** Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, 2019. Disponível em: <Vista do A campanha publicitária “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ENGELMAN, Solange. **O agronegócio banca a grande mídia brasileira. MST, 2023.** Disponível em: <<https://mst.org.br/2023/11/27/o-agronegocio-banca-a-grande-midia-brasileira/>> . Acesso em: 12 mar. 2025.

ENTMAN, Robert M. **Framing US coverage of international news: contrast in narratives of the KAL and Iran Air incidents.** Journal of Communication, v. 41, n. 4, p. 6-27, Autumn 1991.

GLOBO. **Fumaça de queimadas da Amazônia encobre São Paulo em dia seco.** O Globo, 3 set. 2024. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/brasil/meio-ambiente/noticia/2024/09/03/fumaca-de-queimadas-da-amazonia-encobre-sao-paulo-em-dia-seco.ghtml>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

GUIMARÃES, C. **Hegemonia, senso comum e ideologia: contribuições do marxismo para o debate sobre desinformação e ‘pós-verdade’**. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 25, n. 2, p. 185–207, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.54786/revistaepic.v25i2.19158>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

HOLANDA, J. S. P. de; KÄÄPÄ, P.; COSTA, L. M. **Jornalismo ambiental: características e interfaces de um campo em construção**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 45, p. e2022109, 2022. DOI: 10.1590/1809-58442022109pt. Disponível em: <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3858>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

IRETON, Cherilyn (org.); POSETTI, Julie (org.). **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Paris: UNESCO, 2018. (Série UNESCO sobre educação em jornalismo, n. 3). Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265552>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

IYENGAR, S. **Is anyone responsible? How television frames political issues**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

LOVISI, Pedro. **Entenda como o agro afeta o clima e por que ele fica fora do mercado de carbono no mundo todo. 2024**. Disponível em: <<https://www.em.com.br/agropecuario/2024/01/6785298-entenda-como-o-agro-afeta-o-clima-e-por-que-el-e-fica-fora-do-mercado-de-carbono-no-mundo-todo.html>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

PORTO, M. P. **Enquadramentos da mídia e política**. In: RUBIM, A. A. (Org.). Comunicação e política: conceitos e abordagens. Salvador: EdUFBA, 2004. p. 73-104.

ROCHA, Liana. **As narrativas sobre as queimadas na Amazônia a partir do conceito de desinformação. 2020**. Disponível em: <AS-NARRATIVAS-SOBRE-AS-QUEIMADAS-NA-AMAZONIA-A-PARTIR-DO-CONCEITO-DE-DESINFORMACAO.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramento e metodologia de crítica de mídia**. In: 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 15 a 17 de nov. de 2007. Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/coordenada_5_danilo_rothberg.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SILVA, Hesley. **Desafios contemporâneos na conscientização ambiental: desinformação e mudanças climáticas na América Latina e no contexto brasileiro**. [s.d.]. Disponível em: <DESAFIOS-CONTEMPORANEOS-NA-CONSCIENTIZACAO-AMBIENTAL-DESINFORMACAO-E-MUDANCAS-CLIMATICAS-NA-AMERICA-LATINA-E-NO-CONTEXTO-BRASILEIRO.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

VALENTE, J. **Entrevista com Martin Hirst: A desinformação sob a ótica da Economia Política da Comunicação**. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 23, n. 1, p. 91–108, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/15340>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

VILLAR, Rosana. **Brasil inflamável: uma nação refém do agronegócio. 2023**. Disponível em: <[Brasil inflamável: uma nação refém do agronegócio - Greenpeace Brasil](#)>. Acesso em: 12 mar. 2025.